Atuações silenciosas

Uma pergunta feita em 2007 é respondida dois anos depois

Maurício Boff*

Pintada é uma das ilhas do arquipélago do Delta do Jacuí. A região está entre as menos favorecidas em toda Porto Alegre. Ali vivem perto de 7.000 ribeirinhos que têm na pesca nas águas turvas do lago Guaíba ou na reciclagem do lixo o sustento das famílias. A chefe de reportagem do Correio do Povo havia me conferido a missão de descobrir por que um mamógrafo de R$ 200 mil estava sendo doado para o posto de saúde da comunidade da Ilha da Pintada. A única informação que se tinha era que o Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (Imama) estava envolvido na iniciativa. A Unidade Básica de Saúde da ilha seria a única na capital gaúcha, com exceção dos hospitais, a oferecer exames gratuitos para o diagnóstico do câncer da mama.

Integrantes do IGE, entre eles, Maurício, são entrevistados por Paul Dingeman na Community Television (CTV), em Saint Clair, Michigan, EUA

O CONVITE

Foi numa manhã fria de um sábado qualquer do mês de julho de 2007 que tive meu primeiro contato com o Rotary International e tudo o que esta organização representa. Naquele dia, conheci Rudolf Nielsen, membro do Rotary Club de Porto Alegre-Bom Fim. Em quase meia hora de conversa – e entre centenas de fotos que ele tirava para registrar o evento – veio o esclarecimento das minhas dúvidas e da minha editora. O projeto idealizado pelo Imama para a compra do mamógrafo, a ser instalado numa das regiões mais pobres de Porto Alegre, fora financiado pelo RI. “Quanto dinheiro!”, pensei. Nunca havia imaginado que o emblema da roda nas cores azul e amarelo tivesse a ver com tamanha contribuição social. Mal sabia que dois anos mais tarde veria que aquilo era apenas uma pequena parte de toda a ação global rotária.

Nielsen me contou que fora líder de um time de jovens profissionais que participaram de um certo Intercâmbio de Grupos de Estudos (IGE) a Nova Jersey, nos EUA. Foi lá, durante o programa, que ele garantiu o recurso. “Há muita cooperação internacional a ser estimulada, e nós (rotarianos) estamos sempre dispostos”, sentenciou Nielsen. Pouco a pouco, descobria mais o que era o RI, a presença da instituição no mundo e, especialmente, a ajuda às comunidades de países em desenvolvimento.

> “Nunca havia imaginado que o emblema da roda tivesse a ver com tamanha contribuição social. Mal sabia que mais tarde veria que aquilo era apenas uma pequena parte de toda a ação global rotária.”

Ao final da conversa, a pergunta que mudou minha vida: “Gostaria de ir para a Índia este ano?”. Confesso que sorri, porque achei que fosse brincadeira, e, sem tirar os olhos de minhas anotações no bloco de notas, respondi: “Claro. O que preciso fazer?”. “Tem meu telefone. Converse comigo na segunda-feira”, disse Nielsen, virando-se para voltar a tirar fotos.

Fiz isso. O Rotary Club de Porto Alegre-Bom Fim patrocinou-me como candidato depois de eu preencher um formulário em que atestei que não era rotariano e que não tinha parentes ligados à instituição. Colhi as assinaturas necessárias, entreguei a documentação ao clube, o que leva um tempo, e participei da seleção organizada pelo distrito 4680. Mas em 2007 fui o